



**Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)**

# **Educação: Políticas, Estrutura e Organização 7**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Gabriella Rossetti Ferreira**

(Organizadora)

# **Educação: Políticas, Estrutura e Organização**

**7**

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 7 /  
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e  
Organização; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-308-8

DOI 10.22533/at.ed.088190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo  
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas  
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 7” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ENSINO HÍBRIDO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PARA O ENGAJAMENTO DO ALUNO NAS DISCIPLINAS SEMIPRESENCIAIS	
Adriano Rosa Alves Eliza Adriana Sheuer Nantes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
ENTRE A LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O PPC DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFPA	
Erita Evelin da Silva Silva Wilma de Nazaré Baía Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
ENTRE METODOLOGIAS E PROJETOS DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LICENCIANDOS EM MÚSICA	
Elisa da Silva e Cunha Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ERA UMA VEZ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO	
Sára Maria Pinheiro Peixoto Ana Aparecida Tavares da Silveira Fabyana Soares de Oliveira Marcilene França da Silva Tabosa Maria Aparecida Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ESCOLA DE PALHA, DE MADEIRA OU DE TIJOLOS? A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA PERMANÊNCIA E SUCESSO ESTUDANTIL	
Mariana Rocha Fortunato Beatriz Oliveira Duarte Simone Braz Ferreira Gontijo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
ESCOLA EFICAZ: QUAL É O OLHAR DOS DOCENTES DAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL DE PERNAMBUCO?	
Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903046</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN	
<p>Josângela Bezerra da Silva  Marcelo dos Santos Bezerra  Elda Silva do Nascimento Melo</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>77</b>
ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!	
<p>Elcio Galioni  Fernanda Aparecida Loiola Barbosa  Mariana Fogaça Marcelo</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>83</b>
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DAS AULAS DE MATEMÁTICA	
<p>Antonia Dália Chagas Gomes  Cibelle Euridice Araújo Sousa  Francisco Jucivânio Félix de Sousa</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0881903049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA	
<p>Adriana Vieira Lins  Ciro Bezerra  Claudio da Costa  Alluska Souza Cavalcante</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>100</b>
ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
<p>Ciro Bezerra  Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas  Denis Avelino  Roseane Nascimento</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>108</b>
ESTUDO SOBRE OS PRIMEIROS PLANOS DE AULA APRESENTADOS POR ALUNOS DE UMA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA	
<p>Otávio Vieira Sobreira Júnior  Francisco Wagner de Sousa Paula  Lydia Dayanne Maia Pantoja  Germana Costa Paixão</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030412</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS: COMPETÊNCIA, CERTIFICAÇÃO E NEGAÇÃO	
Marcilene Ferreira Rodrigues Valdivina Alves Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>132</b>
EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO	
Alice Luz Elisa da Silva e Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>142</b>
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Cristiane Gomes Ferreira Sabrina de Azevedo Evangelista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>152</b>
EXPERIÊNCIAS ELENCADAS NO PROJETO “LETRANDO NO LUGAR ONDE VIVO!” APLICADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DR. MILTON SOLDANI AFONSO, EM CAMPO MAIOR – PIAUÍ	
Julianna Soares de Sousa Márcia Cristina dos Santos Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>169</b>
EXPLORANDO O CORPO HUMANO: DISCURSOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	
Jucenilde Thalissa de Oliveira Fernando Vinícius Pereira de Almeida Jackson Ronie Sá-Silva Marcos Felipe Silva Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>174</b>
FALTA DE ATIVISMO DOCENTE: DESCARACTERIZAÇÃO DA PROFISSÃO - CENTRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Genilda Alves Nascimento Melo Célia Jesus dos Santos Silva Andréia Quinto dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030418</b>	

**CAPÍTULO 19 ..... 185**

FATORES DA EVASÃO ESCOLAR: NA ESCOLA JOSÉ DO PATROCÍNIO, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NO DISTRITO DE FAZENDINHA EM MACAPÁ, AMAPÁ – BRASIL

Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno  
Nilda Miranda da Silva  
Diana Socorro Leal Barreto  
Eliana da Silva Rodrigues  
Irany Gomes Barros

**DOI 10.22533/at.ed.08819030419**

**CAPÍTULO 20 ..... 196**

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LIBRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARANAENSES

Josiane Junia Facundo de Almeida  
André Luis Onório Coneglian  
Antônio Aparecido de Almeida  
Cleusa Camargo de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.08819030420**

**CAPÍTULO 21 ..... 207**

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM CONTEXTOS VIRTUAIS: AS REDES DE COLABORAÇÃO COMO NOVAS FORMAS DE APRENDER E ENSINAR

Ana Lúcia de Souza Lopes  
Marili Moreira da Silva Vieira  
Claudia Coelho Hardagh

**DOI 10.22533/at.ed.08819030421**

**CAPÍTULO 22 ..... 219**

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

**DOI 10.22533/at.ed.08819030422**

**CAPÍTULO 23 ..... 231**

FORMAÇÃO CONTINUADA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR? O LUGAR DO TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO

Nancy Costa de Oliveira  
Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

**DOI 10.22533/at.ed.08819030423**

**CAPÍTULO 24 ..... 243**

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Oswaldo Jefferson da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.08819030424**

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>254</b>
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE O ENSINO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Adriana Camejo da Silva Aroma Paulo Fraga da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>265</b>
FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE COM A PRÁTICA	
Queila Carla Ramos da Silva Alcantara Ana de Kássia Silva Lyra Sebastião Soares Lyra Netto Jedida Severina de Andrade Melo Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa Andréia Gilzélia de Arruda Santana Paula Helena da Rocha Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>282</b>
FRACTAIS COMO EIXO INTEGRADOR ENTRE AS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E ARTES	
Samara Régia de Andrade Pascoal Eron Santos de Souza Marianne Louise Marinho Mendes Cristhiane Maria Bazilio de Omena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>290</b>
FUNÇÕES QUADRÁTICAS ATRAVÉS DE AULAS DINAMIZADAS COM <i>SOFTWARE</i> : UMA PROPOSTA PARA O EJA	
Rosângela Araújo da Silva Luana da Silva Dantas Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>298</b>
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES EM PESQUISAS COM MODELAGEM MATEMÁTICA EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BOLEMA	
Daniel Santos de Carvalho Everton Soares Cangussu Naralina Viana Soares da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>310</b>
GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Cristiana Marinho da Costa Janaina Alves de Lima Nathalya Marillya de Andrade Silva Josley Maycon de Sousa Nóbrega Jefferson Silva Costa Quercia Carvalho Eloi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08819030430</b>	

<b>CAPÍTULO 31 .....</b>	<b>315</b>
GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM UMA ESCOLA CATÓLICA	
Selmara Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.08819030431	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>320</b>

## ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!

**Elcio Galioni**

Mestre em Educação pela Uniso – Sorocaba/SP

**Fernanda Aparecida Loiola Barbosa**

Mestre em Educação pela UTP – Curitiba/PR

**Mariana Fogaça Marcelo**

Mestre em Educação pela Uniso – Sorocaba/SP

**RESUMO:** Este trabalho propõe uma reflexão acerca das práticas associadas ao uso do banheiro nas escolas. Os dados foram obtidos por meio de observações e conversas informais com alunos, em sete instituições localizadas na Região Metropolitana de Sorocaba. Os resultados apontam para um cotidiano organizado com o objetivo de garantir o bom andamento das atividades, mas destituído de reflexão sobre os princípios que devem nortear a vida nos espaços coletivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cotidiano escolar. Educação. Disciplina.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the practices associated with the use of the toilets at schools. The information was obtained through observations and informal conversations with students in seven institutions located in the Metropolitan Region of Sorocaba. The results point to an

organized daily routine in order to ensure the progress of the activities, but devoid of reflection on the principles that should guide the life in common spaces.

**KEYWORDS:** School routine. Education. Discipline.

### 1 | INTRODUÇÃO

Embora Foucault (1999) não tenha considerado exclusivamente o ambiente escolar, é possível relacionar suas proposições a diversas situações que perpassam o contexto educacional. Ao analisarmos as relações de poder e os dispositivos de controle associados ao uso do banheiro nas escolas, percebemos a complexidade das relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que atuam nesses espaços.

### 2 | O USO DO BANHEIRO E A QUESTÃO DO DISCIPLINAMENTO

Segundo Tognetta e Vinha (2007, p. 14), os professores não são conscientes de que desejam um ideal de aluno, um padrão em que todos se encaixem. De certa forma, eles esperam que os estudantes aprendam da

mesma maneira e sob o ritmo da classe; que se mostrem atentos e, principalmente, dóceis. Os docentes, de modo geral, buscam controlar o modo de ser e estar dos alunos, que perdem a autonomia no convívio da sala de aula.

Tal modelo de disciplina, em vez de promover um ambiente propício à aprendizagem, gera insatisfação e resistência. Alguns estudantes se submetem às imposições do sistema; outros se rebelam e “tentam criar seus próprios espaços de liberdade e de fala por meio do movimento, da conversa, do desrespeito às regras instituídas.” (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 26).

Na organização para o uso do banheiro, foco deste estudo, também podemos observar modelos de disciplinamento de corpos. Vejamos o exemplo a seguir:

Um aluno da 7ª série perguntou ao professor se poderia ir ao banheiro; como eles haviam chegado havia pouco tempo do intervalo, teve seu pedido negado. O jovem insistiu no pedido mais uma vez e, diante de nova negativa, levantou-se da carteira assim mesmo e dirigiu-se ao banheiro alegando que não “dava mais para segurar”. O professor o impediu de retornar à classe e o encaminhou à orientação, alegando que o aluno o desrespeitara. O garoto foi advertido verbalmente pela orientadora. (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 26-27).

De forma arbitrária, são impostos horários para que os alunos possam satisfazer suas necessidades fisiológicas, como se o organismo de todos se adequasse a tais limites. E o pior: aqueles que não acatam as normas são vistos como rebeldes ou indisciplinados.

Considerando os escritos de Foucault (1999) sobre a microfísica do poder sobre os corpos, podemos inferir que muito do que acontece nas escolas é resquício de uma política disciplinar “emprestada” do regime prisional. Nos dias de hoje, a pena não mais se centraliza no suplício como técnica de sofrimento, mas toma como objeto a perda de um bem ou de um direito.

O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais “elevado”. Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores [...] (FOUCAULT, 1999, p.14).

Frequentemente, os alunos são destituídos de direitos inalienáveis, entre os quais está a gestão do próprio corpo. Por conseguinte, a escola acaba se tornando um lugar indesejável, que suplanta a alegria e a disposição de aprender.

Em vez de utilizar as experiências do passado para repensar o presente, parece que alguns perpetuam práticas disciplinares que se transformam em fórmulas gerais de dominação. Foucault (1999, p. 120) expressa muito bem a natureza desses mecanismos: “pequenas astúcias, dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que

obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza.” Nessa direção, Agamben (2009, p.38) explora o conceito de *dispositivo*, referindo-se a mecanismos ou atividades de governo não fundamentadas no ser. Os dispositivos controlam os gestos e os pensamentos dos homens de forma alheia à sua vontade.

Associando os escritos de Agamben (2009) e Foucault (1999), é possível pensar que, em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam à produção de corpos dóceis, manipuláveis; provavelmente sem que os sujeitos envolvidos tenham consciência de sua condição. Traçando um paralelo entre essas ideias e o contexto educacional contemporâneo, é preciso atentar para os instrumentos de dominação que minam a liberdade de pensar e agir.

Nesse sentido, queremos analisar outro aspecto acerca do uso dos banheiros nas escolas: a questão da limpeza e organização e sua relação com a indisciplina. Freller (2008), trabalhando como psicóloga em quatro instituições públicas com sérios problemas disciplinares, passou a investigar as causas dos comportamentos perturbadores dos estudantes. De modo geral, os alunos mencionaram os banheiros como motivo de insatisfação que, unidos a outros fatores, alimentavam as manifestações de indisciplina:

“Aquele banheiro fidido e quebrado só serve pra pichar mesmo”, decreta B., aluno de classe de aceleração. (FRELLER, 2008, p. 70).

“O que eu quero que melhore é o banheiro, o pátio e o laboratório só isso por que estes três lugares estão horríveis eu tem veis que não entro naquele banheiro porque fede muito e o pátio e muita bagunça ninguém fica quieto e do laboratório e muita coisa eu não gosto a escola esta boa mas o lugares estão péssimos ninguém gosta e ai bagunça”, escreve S., aluna de segunda série. (FRELLER, 2008, p. 79).

A autora percebeu na fala dos alunos que a sujeira e o abandono dos banheiros eram citados como um dos gatilhos da indisciplina, como uma forma de manifestarem sua indignação diante das péssimas condições oferecidas. Nessas circunstâncias, eles se sentiam humilhados, abandonados à própria sorte (FRELLER, 2008, p. 71).

Freller (2008, p. 80) chama atenção para um aspecto muito significativo de sua investigação: o fato de os alunos apreciarem a sugestão de pensar, conversar ou escrever sobre a indisciplina e suas causas. É interessante notar que, na maioria dos casos, os estudantes, em vez de abordar o tema proposto de forma direta e expor seus determinantes, passaram a expressar necessidades em relação à escola. Mostraram que valorizavam a educação de qualidade como garantia de uma vida melhor no futuro. Além disso, estavam ansiosos por organização, limpeza, autoridade, limite, respeito e participação.

### 3 | INVESTIGANDO A REALIDADE

Partindo da hipótese de que as escolas utilizam dispositivos para controlar o

comportamento discente, foram realizadas conversas informais e observações com objetivo de analisar o contexto escolar quanto ao uso dos banheiros pelos alunos. Por acreditarmos que o cidadão deve ter o direito de suprir suas necessidades fisiológicas em ambiente adequado, na hora em que precisar, este trabalho busca alertar para situações de controle que contrariam os princípios da cidadania.

A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2015, em sete instituições escolares da rede pública e privada, de Ensino Fundamental, Médio e Superior, localizadas no interior do Estado de São Paulo, na Região Metropolitana de Sorocaba.

## 4 | RESULTADOS

Os resultados serão apresentados na forma de relatos e descrições, sem identificar instituições ou pessoas, a fim de garantir o sigilo.

### 4.1 Relato A – Tem hora para ir ao banheiro

Numa escola municipal de Ensino Médio, a direção, a coordenação e alguns professores determinaram horários específicos para a utilização dos banheiros. A justificativa é a de que tal regra contribui para o bom andamento das atividades, evitando que os alunos se ausentem da aula por muito tempo.

Horários estabelecidos: momento da entrada (antes das 13h); das 13h50 às 14h40 e durante o intervalo (das 15h30 às 15h50). Depois disso, os alunos não podem mais utilizar o sanitário até o momento da saída (18h20). Se algum estudante questiona as normas, é interrogado pelos docentes sobre o motivo de “querer tanto ir ao banheiro”, sendo orientado a segurar suas necessidades para os horários estipulados.

### 4.2 Relato B – Papel higiênico, controlado e diferenciado por status

Em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, o papel higiênico fornecido aos alunos é fixado na mesa da inspetora. Quando os estudantes precisam usá-lo, têm que passar ali, puxar a quantidade necessária e seguir segurando o “tufo” de papel pelo pátio até chegar ao banheiro. Muitas vezes, a inspetora chama a atenção deles: *“É muito papel!”*, *“Vai mesmo usar tudo isso?”*, *“Esse papel não é só seu, é da escola!”*

Certa vez, essa prática foi questionada pelos alunos, e a diretora fixou o papel higiênico na porta de entrada do banheiro, em frente ao pátio. Porém, a decisão durou apenas alguns meses, já que não havia quem controlasse a quantidade de papel utilizada pelos estudantes.

Em determinada faculdade pública, verificou-se que, nos banheiros utilizados pelos professores e funcionários do corpo administrativo, o papel higiênico era de folha dupla, fornecido em rolo de 30 m, em dispensadores de cerâmica. Nos banheiros

dos alunos, o papel higiênico era de folha simples, fornecido em rolo de 300 m, em dispensadores de metal.

#### 4.3 Relato D – Banheiro como privilégio

Em certa faculdade particular, observou-se que os boxes destinados a deficientes físicos estavam trancados. Ao se questionar um funcionário da instituição sobre qual deveria ser o procedimento caso uma pessoa com deficiência necessitasse usar o sanitário, obteve-se como resposta: *“O deficiente tem que solicitar a abertura a um funcionário da faculdade. Devido ao pouco uso e acesso, o banheiro permanece trancado, e nós usamos como estoque de materiais de consumo e dos produtos de limpeza utilizados em cada andar do prédio”*. Então, mesmo que uma pessoa precise utilizar o banheiro, ele estará ocupado com materiais de limpeza.

#### 4.4 Relato E – Vandalismo

Em uma escola municipal de Ensino Fundamental, no banheiro dos alunos, as válvulas de descarga estavam sem tampa, e as lixeiras para lixo orgânico, sem sacos plásticos. Ao se questionar uma funcionária sobre o motivo, obteve-se a resposta: *“porque os meninos estavam urinando na lixeira em vez de urinar no vaso”*.

Ao se constatar que os boxes sanitários estavam sem porta, e os vasos sanitários, sem assento e sem tampa, perguntou-se novamente à funcionária qual era a razão e obteve-se a resposta: *“por causa do vandalismo”*. O lavatório estava entupido e havia lixo espalhado pelo chão. Um cano da pia estragou e foi aberto um buraco no piso para consertá-lo. Porém o buraco não foi cimentado, sendo coberto por um pedaço de madeira.

Em outra escola municipal, no banheiro das alunas, os chuveiros funcionavam, mas algumas estudantes disseram que *“o uso não é permitido, mesmo após a prática de Educação Física”*. Ao se questionar uma funcionária sobre o motivo da proibição, a resposta foi: *“corte de despesas”*. Os boxes sanitários estavam sem porta; as lixeiras, sem sacos plásticos; a válvula de descarga, sem tampa; os vasos sanitários, sem assento e sem tampa. A justificativa da escola para essa situação foi o *“vandalismo”*. Na entrada do banheiro, como suporte para o papel higiênico, havia um pedaço de cabo de vassoura suspenso por um fio.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, os paradigmas adotados em muitas instituições escolares nos dias de hoje não diferem daqueles legitimados no passado. Em todos os níveis, estudantes são cerceados por dispositivos de poder que tolhem suas potencialidades, tirando-lhes a chance de pensar a realidade na qual estão inseridos e exercer o autogoverno.

Finalizando, gostaríamos de destacar três pontos para uma última reflexão. O

primeiro deles: apesar de o discurso escolar pautar-se no desenvolvimento integral do educando, percebe-se que, na prática, a preocupação com a autonomia e criticidade dos estudantes é negligenciada.

O segundo ponto a ressaltar é que a indisciplina é um fenômeno multifacetado, com diferentes sentidos e inúmeras causas. Assim, os comportamentos perturbadores dos alunos podem surgir como uma forma de contestação da realidade, como expressão de indignação diante da opressão, do abandono e da humilhação.

O último ponto é que não defendemos a ausência de normas, pois sabemos de sua importância para a convivência nos espaços coletivos. Acreditamos que as regras devem ser formuladas em conjunto com os alunos, de forma democrática, a fim de que todos possam desenvolver a autonomia e o espírito crítico, essenciais para o exercício da cidadania. Nesse sentido, o uso do banheiro é um direito, e não privilégio de poucos. Portanto, a escola deve ensinar e praticar o respeito a todo ser humano, considerando que as imposições de horários para necessidades fisiológicas e restrições quanto ao uso do banheiro são dispositivos de poder que levam ao controle dos corpos e da vida.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?**: e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar**: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre as práticas das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

### **Gabriella Rossetti Ferreira**

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-308-8

